

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Os couraçados terrestres ficcionais e a invenção dos carros de guerra

Fábio Luciano Iachtechen*

Resumo: Esta pesquisa tem por finalidade traçar um breve histórico de um artefato bélico que se tornou definitivo durante o século XX, e passou a ser utilizado em praticamente em todos os conflitos significativos após sua concepção em 1916: o tanque de guerra. O ponto de partida desta análise é o conto “The land ironclads” publicado em 1903 pelo escritor inglês H. G. Wells, que descreve uma situação de guerra de trincheiras decidida pela aparição de uma máquina semelhante aos tanques concebidos mais de uma década depois.

Palavras-chave: Literatura – Tecnologia – Primeira Guerra Mundial

Abstract: This research has for purpose to trace a historical briefing of a warlike device that if became definitive during century XX, and practically passed to be used in in all the significant conflicts after its conception in 1916: the war tank. The starting point of this analysis is the “The land ironclads” published in 1903 for english writer H.G. Wells, who describes a situation of trench war decided for the appearance of a similar machine to the tanks conceived more than one decade later.

Keywords: Literature – Technology - World War I

Um dos exemplos mais fantásticos da capacidade imaginativa de antecipação é o conto *The land ironclads* (1903)¹, do escritor inglês H. G. Wells, em que uma estafante situação de guerra de trincheiras é decidida pela aparição de um veículo revestido de aço, um couraçado terrestre, que encontra impressionantes semelhanças com os tanques - ou “carros de guerra” - segundo o jargão militar, que seriam usados pela primeira vez alguns anos depois no front ocidental da Grande Guerra.

O conto tem início com a discussão entre um jovem tenente e um correspondente de guerra sobre a situação em que se encontravam naquele momento. Depois de um ataque inicial por parte dos invasores (apenas assim são denominados durante toda a narrativa), que resultou em importantes baixas para ambos os lados, a natural retirada estratégica para a preparação de um novo ataque foi substituída por um procedimento militar não usual até

¹* Mestrando em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Nesta pesquisa foi usada uma versão em inglês disponível *on-line* de *The land ironclads*. Existem publicações recentes em espanhol com o nome de *Los acorazados terrestres*, que podem ser vistas em coletâneas de contos de Wells, porém nenhuma edição nacional encontrada, pelo menos até a finalização deste trabalho. No entanto, existe uma breve referência a este conto no livro *Ficção científica: ficção, ciência ou épica da época*, de Raul Fiker, que recebe o nome de “A terra vestida de aço”.

então. Os invasores quedaram-se a algumas centenas de metros do inimigo e ali começaram a cavar profundas trincheiras², que mantinham ocultas as linhas de abastecimento e protegiam a infantaria de qualquer ataque surpresa. “(...) was slow, but much more wary than the world had been led to expect, and he kept convoys tucked in and shielded his slow-marching infantry sufficiently well to prevent any heavy adverse scoring” (WELLS, p. 2).

Apesar de inominado, o inimigo do qual fala Wells tem uma capacidade bélica tamanha ou até superior a do exército coberto pelo correspondente de guerra. Isso leva o leitor deste conto, principalmente na época em que foi escrito, a associar este inimigo estrangeiro aos alemães, que em termos bélicos já há décadas rivalizavam com os ingleses em nome da liderança na corrida armamentista na qual estavam mergulhadas todas as grandes nações européias.

Notadamente, os alemães foram os primeiros a fazer uso das trincheiras nos campos da batalha da I Guerra Mundial, principalmente devido ao súbito aumento do poder de fogo provocado pelos fuzis de repetição, pela metralhadora e pela artilharia de tiro rápido, novas tecnologias bélicas desenvolvidas nos primeiros anos do século XX (KEEGAN, 2005, p. 208). Durante a guerra, todos os exércitos envolvidos criaram sistemas próprios de entrenchamento. No entanto, o pioneirismo alemão nesta tática defensiva remete a algumas questões importantes. Mesmo antes da guerra, os alemães tinham sido a nação mais profundamente inclinada a questionar as normas e os valores da sociedade burguesa liberal do século XIX, e a procurar inspiração na dinâmica da experiência imediata em oposição às da tradição e da história (EKSTEINS, p. 203).

Desta forma os alemães, dentre as nações beligerantes, se revelaram como os menos propensos a acatar convenções internacionais, “em parte por um sentimento de necessidade, por considerarem esses padrões prejudiciais ao seu bem-estar imediato, mas também em grande parte porque eles, os alemães, simplesmente estavam menos dispostos a acatar regras que consideravam estrangeiras e históricas e, portanto, não aplicáveis a si mesmos ou a significado colossal do momento (EKSTEINS, p. 209)”.

As trincheiras haviam feito com que a situação se arrastasse assim por mais de um mês, quando um disparo esporádico ou uma bomba lançada a esmo interrompia a incômoda monotonia que só a sucessão de dias em condições insalubres pode proporcionar. Porém,

² Ao contrário do que boa parte da historiografia militar propõe, as trincheiras não foram usadas pela primeira vez durante a Primeira Guerra Mundial, pois se trata de um recurso bastante antigo, que se confunde com a própria história das guerras. Ao mesmo tempo existem alguns registros que indicam o uso de trincheiras semelhantes as da I GM durante a Guerra da Criméia e em algumas batalhas da Guerra Civil Americana.

aquilo que parecia mais uma longa madrugada de vigília se transforma em um ataque surpresa por parte dos inimigos.

É neste momento que o couraçado terrestre faz sua primeira aparição, ainda tímida, encoberta pelo negrume da madrugada, mas já suficiente para causar algum furor entre os soldados que defendiam suas posições. Apesar da escuridão, aquele monstro negro era iluminado esporadicamente pelas luzes da batalha, permitindo ao pintor e ao jornalista perceber a couraça lateral e suas metralhadoras.

O uso dos couraçados terrestres foi determinante para a clara vantagem obtida pelo inimigo, já observável mesmo antes do amanhecer. À medida que a batalha se desenrolava, o correspondente acompanhava incrédulo às tentativas frustradas de seus compatriotas em rechaçar o avanço dos blindados. As balas não faziam efeito contra a couraça de aço que revestia as laterais do veículo, que alcançava as trincheiras adversárias sem maiores dificuldades e obrigava os defensores a se moverem e se abrigarem em outros lugares, minando paulatinamente sua resistência e capacidade de organização.

Seus canhões eram de uma precisão impressionante, denotando também que não eram armas comuns, mas algo tecnologicamente mais evoluído e mortífero, como atesta um diálogo entre dois soldados acompanhado pelo correspondente. “There's chaps down there caught, the man was saying. If they retreat they got to expose themselves, and the fire's to straight. They aren't firing much, but every shot's a hit”. Na medida em que amanhecia o dia, era possível uma melhor percepção do que estavam enfrentando, e é neste momento que o leitor pode, concomitantemente com os soldados envolvidos na batalha, melhor visualizar este novo e decisivo aparato de guerra.

The daylight was getting clearer now (...)He looked again at the land ironclad As he saw it on the bleak, grey dawn, lying obliquely upon the slope and on the very lip of the foremost trench, the suggestion of a stranded vessel was very strong indeed. It might have been from eighty to a hundred feet long – it was about two hundred and fifty yards away – its vertical side was ten feet high or so, smooth for that height, and then with a complex patterning under the eaves of its flattish turtle cover. This patterning was a close interlacing of port-holes, rifle barrels, and telescope tubes – sham and real – indistinguishable one from the other.

Apesar da distância de observação por parte do correspondente, era possível observar uma máquina de cerca de 25 metros de comprimento, algo entorno de 3 metros de altura e um desenho que lembrava uma carapaça de tartaruga. Além disso, era possível perceber entre os rifles laterais alguns falsos entre os verdadeiros, que procuravam despistar a real localização do atirador. Por volta das quatro horas da tarde, o quadro era desolador para

as forças de defesa, o que fazia o correspondente reconhecer a aparição daquela monstruosa máquina como determinante para os movimentos de batalha que findavam naquele momento. “Surveyed at large, the defenders already looked a beaten army. A mechanism that was effectively ironclad against bullets, that could at a pinch cross a thirty-foot trench, and that seemed able to shoot out rifle-bullets with unerring precision, was clearly an inevitable victor against anything but rivers, precipices, and guns”.

Com a capitulação do exército defensor, chega a hora de revelar quem eram os responsáveis pelo funcionamento do couraçado terrestre, e é o que faz Wells, conduzindo o leitor para um giro panorâmico ao redor do veículo responsável pela vitória estrangeira, seguida de uma imersão dentro de seu interior, revelando a complexa maquinaria que envolve semelhante objeto.

Ao correspondente de guerra restou a dúvida em entregar-se e perder todo o material colhido até então, ou imprimir uma fuga que poderia não ter um final feliz. Decidiu permanecer onde estava - escondido entre alguns soldados que ainda não haviam passado sobre a revista do general vencedor, conjecturando sobre como descreveria a seus leitores tudo que havia visto entre a madrugada anterior e o dia que tragicamente se encerrava. Ao menos um título para a reportagem já lhe vinha a mente: “Mankind versus Ironmongery”.

The landships committee

ora essa, ele inventa!

Julio Verne

Certa vez, quando indagado sobre o que achava dos “romances científicos” de H. G. Wells, escritor francês Julio Verne, com tom aborrecido, teria pronunciado a exclamação da epígrafe. Uma reação natural de alguém preocupado com a verossimilhança de suas histórias, que buscava embasamento material e científico para as propostas descritas em seus livros (TAVARES, pg 15). De fato, é possível encontrar nas primeiras obras de Wells situações que fogem a uma explicação racional, naturalmente quando assim confrontadas. É o caso das viagens temporais presentes em *A máquina do tempo* (1895), da criação artificial de seres humanos em *A ilha do doutor Moreau* (1897) ou mesmo da possibilidade proporcionada pela ciência de se tornar invisível em *O homem invisível* (1896).

Porém, no caso de *The land ironclads*, as possibilidades bélicas descritas nesta guerra imaginária são bastante verossímeis, e certamente foram ancoradas na observação e no conhecimento de um homem que, já notório por sua literatura, participava ativamente dos debates internacionais nas décadas que antecederam a Grande Guerra. Certamente Wells pôde

observar como os governos passaram de forma entusiástica a se armar com as possibilidades propiciadas pelas novas tecnologias bélicas. Os primeiros tanques foram concebidos a partir de 1915, por um comitê especial formado a partir de um grupo de oficiais de várias áreas do exército britânico, principalmente engenheiros responsáveis pelos veículos de infantaria e técnicos navais que estudavam o aperfeiçoamento e resistência das couraças das embarcações de combate. Este comitê foi designado pessoalmente por Winston Churchill, então 1º Lorde do Almirantado, e recebeu a denominação de *Landships Committee*.

A nomeação de um grupo de oficiais de alta patente para esta especial missão naturalmente despertou a curiosidade dos serviços de espionagem da Tríplice Aliança. E foi no intuito de despistar o inimigo que o nome popular do carro de guerra acabou sendo cunhado. A intenção inicial do comitê britânico era aparentar a fabricação de grandes reservatórios de água, que seriam usados para abastecer as divisões no front, principalmente em regiões de difícil acesso. O nome inicial cogitado para o projeto foi *Water Container*, que foi rejeitado posteriormente, pois o comitê seria inevitavelmente apelidado pejorativamente de *W. C. Committee*, sigla que também significa *water closet* e é usada principalmente pelos britânicos para designar o toalete. Assim, o nome passou a ser *Water Tank*, e transmitia aos interceptadores a idéia de que era um projeto destinado a construção de grandes tanques móveis de água, acoplados a veículos blindados³.

Em junho de 1915 os engenheiros apresentaram um projeto de um veículo completamente blindado, que tinha cerca de 2,5 metros de altura, movia-se a 6 km/h e era equipado com metralhadoras laterais além de um pequeno canhão de artilharia. Ganhou o nome de *Little Willie*, provável homenagem a quem posteriormente ficou conhecido como seu mentor intelectual⁴.

O uso efetivo dos tanques em batalha se deu pela primeira vez em setembro de 1916, no episódio conhecido como Batalha do Somme, região norte da França onde estava concentrado o front ocidental. Após os desdobramentos de Verdun, uma das mais sangrentas batalhas da Grande Guerra os alemães instalaram-se na região do Somme e aproveitaram as baixas francesas e o terreno castigado para construir uma das mais fortes posições no front ocidental.

³ A origem do nome *tank* e informações pormenorizadas sobre o *landships committee* estão disponíveis em http://www.experiencefestival.com/a/Tanks_in_World_War_I_The_Landships_Committee/id/5505875, acessado em 01/10/2006.

⁴ Após o término da guerra, a *Royal Commission on Awards to Inventors* decidiu que os inventores oficiais do tanque de guerra foram Sir William Tritton, diretor administrativo do *landships committee* e o Major Walter Gordon Wilson.

Eles cavavam túneis com mais de 10 metros de profundidade, inacessíveis ao fogo da artilharia e conectados à retaguarda por meio de cabos telefônicos subterrâneos e profundas trincheiras de comunicações. Na superfície, os alemães construíram uma rede de postos de metralhadoras cobrindo todos os ângulos de aproximação através de colinas desarborizadas e, na frente de suas trincheiras de artilharia, instalaram densos emaranhados de arame farpado (KEEGAN, 2005, p.310-11)

O mês de agosto marcou uma série de batalhas de atrito, menores que a do primeiro dia, e que não resultaram em ganho significativo de terreno de nenhum dos lados. O Somme estava se tornando uma outra Verdun, exasperante, sangrenta e ineficaz. Diante deste quadro, uma nova ofensiva britânica foi planejada para abrir o front ocidental, concentrando boa parte dos regimentos para um definitivo ataque a um vilarejo chamado Bapaume, entre Flers e Courcellette, onde os tanques fazem sua primeira aparição enquanto arma de guerra. “A aparição dos tanques aterrorizou a infantaria alemã que defendia o setor e os monstros blindados conduziram a infantaria britânica à frente por quase três quilômetros, até que problemas mecânicos e valas em terrenos acidentados pararam o avanço (KEEGAN, 2005, p.317)”.

Os trinta e seis tanques que participaram desta batalha ajudaram a infantaria britânica a consolidar uma improvável vitória local. No entanto, os primeiros tanques parecem ter produzido um efeito simbólico mais importante que a sua real eficácia militar. Em termos práticos, os registros da participação deles nas primeiras batalhas em que foram usados relatam que quebravam com frequência, apresentando problemas mecânicos que não permitiam que fossem recuperados. Além disso, atolavam e patinavam em terrenos escorregadios, quando não eram inutilizados por potentes morteiros. Mas a sua presença em campos de batalha foi suficiente para aterrorizar adversários e mesmo membros dos exércitos que os usavam, marcando uma nova era no uso da tecnologia por parte da indústria bélica.

Considerações Finais

A força das armas não é uma força brutal, mas uma força espiritual.
Ortega y Gasset

A literatura, em especial a imaginativa, fantástica e de ficção científica é uma das manifestações culturais em que é possível observar esta mudança de percepção em relação a tecnologia, além de ser ela própria formadora de imagens e fomentadora de novas idéias em relação a inovação tecnológica. Este parece ser o caso de *The land ironclads* de H. G. Wells,

um dos inúmeros casos em que a ficção se antecipou a realidade criando objetos que foram posteriormente materializados.

Assim, a partir das condições materiais de produção de cada momento histórico, principalmente nos períodos de guerra, “em que são mobilizados a totalidade dos meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de produção (BENJAMIN, p.195)”, a literatura pode produzir representações sobre como as relações sociais podem se manifestar posteriormente, merecendo assim que os autores imaginativos tenham sua contribuição reconhecida dentro deste processo, pois como sentenciou Álvaro Vieira Pinto (2005, p.238), “o desconhecimento do caráter cultural da técnica e do verdadeiro sentido da noção de cultura leva os comentaristas a filiarem aos inventores diretamente a produção das invenções sem levarem em conta as exigências da sociedade e os fundamentos materiais onde obrigatoriamente tem de procurar apoio a imaginação inventiva”.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e arte, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTRO, Adler Homero F. de & BITTENCOURT, José Neves. **Armas, ferramentas da paz e da guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FIKER, Raul. **Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?** Porto Alegre: LP&M, 1985.

FOSS, Christopher F. **Tanques e carros de guerra modernos**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

FOOT HARDMAN, Francisco. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich**. Campinas: Ensaio, 1993.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **História ilustrada da Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. São Paulo: Contraponto, 2005.

SAMPSON, Anthony. **Os vendedores de armas**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

TAVARES, Bráulio (org.). **Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema: logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005.

WELLS, H. G. **The land ironclads**. Disponível em <http://www.angelfire.com/art/enchanter/title1.html>, acessado em 01/10/2006.